

## FORMAS E CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS NO PORTUGUÊS EUROPEU: FERRAMENTAS REFERENCIAIS E GÉNERO TEXTUAL\*

*(Shapes and constructions in European Portuguese: referential tools and textual genre)*

Clara Nunes Correia<sup>1</sup>  
(Universidade Nova de Lisboa)  
Susana Pereira<sup>2</sup>  
(Instituto Politécnico de Lisboa)

### ABSTRACT

*In this paper, our central point is to discuss how linguistic forms and construction, as referential tools, can contribute to the study of textual genres, as defined under the ISD framework. Two different newspaper articles are analysed: one labelled as 'opinion', and the second considered a 'commentary' by the newspaper editors, both selected from the same newspaper. Our discussion will be focused on the explanation of semantic referential values, following the proposals of TFE framework (cf. CULIOLI 1990, 1999). For this discussion, some theoretical concepts are crucial, such as pre-constructed, notional domain or nominal and verbal determination.*

**Keywords:** *textual genres, linguistic constructions, pre-constructed*

### RESUMO

*Neste artigo, o cerne da discussão consiste em mostrar como a análise das formas e construções linguísticas, como ferramentas referenciais, pode-nos fornecer evidências para o estudo de géneros textuais, tal como são definidos no âmbito do interacionismo-sociodiscursivo (ISD). É proposta a análise de dois artigos selecionados de uma mesma edição de um jornal português de grande tiragem: um rotulado como 'opinião', e o outro considerado 'comentário' pelos editores do jornal. Seguindo as propostas da Teoria Formal Enunciativa (CULIOLI, 1990, 1999), são convocados para a discussão alguns conceitos teóricos centrais, como pré-construído, domínio nocional ou determinação nominal e verbal.*

**Palavras-chave:** *géneros textuais, construções linguísticas, pré-construído*

### Ponto de partida

Como ponto de partida, centramos o cerne da discussão na análise das formas e construções linguísticas, enquanto ferramentas referenciais que nos permitam apontar evidências significativas para o estudo de géneros textuais.

---

\* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2014.

<sup>1</sup> Membro da Comissão Diretiva do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e investigadora responsável do grupo Gramática & Texto, é doutorada em linguística – semântica –, tendo vindo a desenvolver trabalho de investigação e de docência nesta área e tendo publicado artigos científicos enquadrados no Projeto Formas & Construções em Português. É Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>2</sup> Investigadora do grupo Gramática & Texto do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, é doutorada em linguística – semântica –, tendo vindo a desenvolver investigação no domínio da linguística e da linguística educacional. É professora coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa, trabalhando na formação inicial e contínua de professores.

O conceito de pré-construído (CULIOLI 1990, 1995) está tradicionalmente ligado a questões do domínio modal, por interferir com os mecanismos de validação do conhecimento manifestado pelo sujeito enunciador ( $S_0$ ) em relação a um dado estado de coisas. Quando se relacionam estes valores, inerentemente modais, com o valor temporal das diferentes situações, verifica-se que as relações definidas pelas marcas de tempo e de aspeto obrigam a que exista uma relação necessária em que o tempo da situação construída recupera o tempo da situação pré-construída:

- (1) Já que vais ao cinema aproveita para passar pela casa da Maria.
- (2) Pode chover a cântaros que eu vou sair.

A análise dos enunciados em destaque permite-nos verificar que em (1)  $x$  afirma que  $y$  vai ao cinema, a partir de um pré-construído, aqui marcado por ‘já que’; em (2) a decisão de  $x$  sair não depende do facto (possível ou provável) de haver ou de não haver chuva. O valor de pré-construído é, neste caso, marcado pela predicação com o verbo modal *poder*, com valor epistémico e a conjunção ‘que’, responsável pela construção consecutiva. Em ambos os casos, o valor temporal das predicções envolvidas é de posterioridade em relação ao tempo da enunciação, o que, aliás, reforça o valor predominantemente modal do conceito de pré-construído.

A estabilidade deste conceito, ancorada ao domínio modal, poderá, no entanto, ser alargada. A partir da análise dos dois textos que servem de suporte a este trabalho, podemos discutir algumas evidências que nos conduzem, por um lado, a um alargamento desse conceito e que, por outro lado, nos permitem, como hipótese, justificar, sob o ponto de vista dos valores das formas e construções o que os caracterizam e os individualizam como ‘géneros’ diferentes.

Embora nosso objetivo central não contemple de maneira específica uma discussão teórica, que envolva epistemologicamente o conceito de *género*, assumimo-lo, ao longo deste trabalho, como ponto estabilizador da categorização dos textos. No âmbito do ISD o conceito de *género* inscreve-se na proposta de um ‘modelo de ação da linguagem’, no qual os géneros se constituem como modelos de referência, ou seja, uma espécie de “instrução de protocolo”, que define como atuar linguisticamente em cada contexto social (PINTO, 2013: 43).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Veja-se, a respeito de géneros ‘diferentes’, Bronckart (1997, 2003), Coutinho (2003, 2005), Marcuschi (2008) entre outros.

## 1. Os dados

Ponderamos que, tal como são etiquetados pelo jornal onde foram publicados, os textos 1 e 2, abaixo transcritos, inserem-se em ‘géneros textuais’ diferentes.<sup>4</sup> Esta é a razão pela qual buscamos, neste artigo, aproximar respostas às seguintes questões: (a) *Como é construída a referência das diferentes situações construídas nos dois textos?*; (b) *Que tipo de localização temporal é construída nos dois textos?*; (c) *Qual o valor linguístico das formas envolvidas?*; (d) *Que relações se podem estabelecer entre os dois textos selecionados?*

### Texto 1 - *A esquerda e a direita continuam em 1988*

*A UE foi desde o princípio uma ideia utópica, que só podia levar à catástrofe. (...) O cidadão da Europa, que tinha um Parlamento para disfarçar, não pesava na política que a França e a Alemanha decidiam a favor do seu interesse nacional e dos seus protegidos. Nascida durante a “guerra fria”, tinha por força de ser democrática na forma e na retórica. Mas nunca deixou de estar sob o domínio do poder dos grandes países que a tutelavam e da burocracia de Bruxelas que os serviam (...).*

*(...) O contribuinte alemão usará as suas poupanças para viver bem, embora modestamente, e para se passear no verão por climas quentes, como de resto inteiramente merece. Do que Merkel mais gosta na Alemanha são de janelas bem calafetadas. Chegou agora a altura de calafetar a Alemanha. Por aqui, nem a esquerda, nem a direita falaram disso. Continuam ainda em 1988.*

### Texto 2 - *Realidades paralelas*

*O governo celebrou esta semana a decisão do Tribunal Constitucional de deixar passar a lei das 40 horas na função pública. (...) O Executivo pôde, assim, ir para a discussão do Orçamento de Estado com um trunfo na manga. Mas há sempre um senão, e desta vez foi a CGTP a tirar coelhos da cartola (...).*

*(...) Há no país cada vez mais **realidades paralelas**. E não vale a pena fingir que algumas delas não existe. Estão é cada vez mais afastadas, graças ao esmagamento da classe média que já se tornou marca desta governação.*

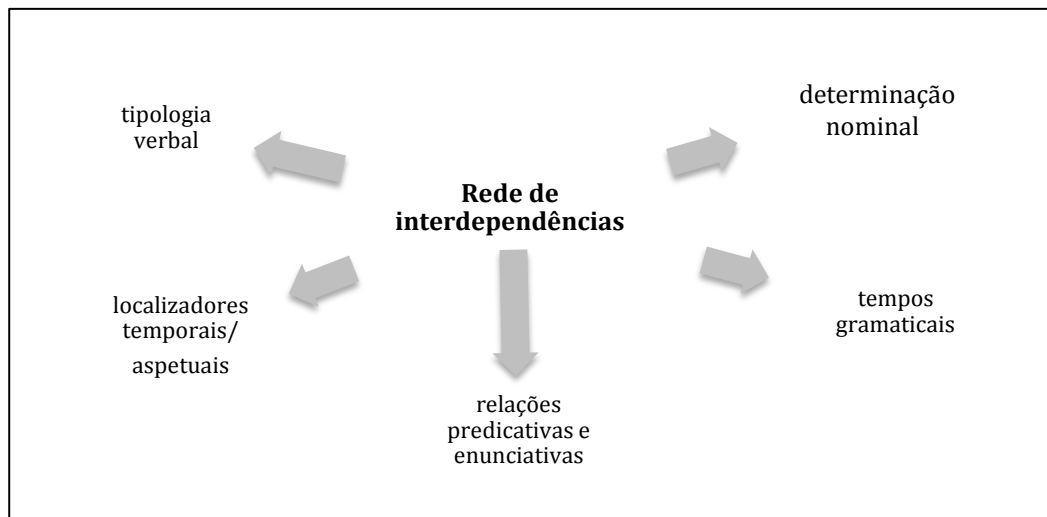
---

<sup>4</sup> O texto 1 *A esquerda e a direita continuam em 1988* e o texto 2 *Realidades paralelas*, da autoria de, respetivamente, Vasco Pulido Valente e de Leonete Botelho foram publicados no jornal *Público* de 30 de Novembro de 2013 em secções distintas. O de Vasco Pulido Valente é encabeçado pela etiqueta ‘opinião’ e o de Leonete Botelho pela etiqueta ‘comentário’ (cf. Anexos 1 e 2). Assumimos estas etiquetas como ‘estabilizadoras’ de géneros diferentes.

Para dar conta das questões – de âmbito muito geral – acima enunciadas, é importante referir que se entende, sob o ponto de vista teórico e epistemológico, que a significação de um enunciado, ou de um conjunto de enunciados, resulta da inter-relação dos valores construídos na *enunciação*. O conceito de enunciado, subjacente a este estudo, deve ser entendido como um agenciamento de formas, marcadoras de operações abstratas (CULIOLI, 1990). Essa conceção de enunciado afasta-se, assim, de ‘enunciado’ enquanto manifestação de um ato de fala.

Assim, as propriedades das diferentes formas e os valores das construções, tendo uma incidência na gramática de cada língua, constituem-se como marcadoras de operações abstratas, observáveis, nos textos através das diferentes ‘determinações’ que desencadeiam. Nesse sentido assume-se, no seguimento de Correia (2002: 14), que a determinação nominal se pode definir a partir de uma cadeia de operações elementares, podendo essas operações incidir sobre as ocorrências nominais das noções. Nessa perspetiva, os diferentes valores referenciais dos enunciados resultam de relações de ponderação e de equiponderação de uma operação complexa – quantificação e qualificação em que “(...) o encadeamento (...) [dessas] operações (...) permite focar o enunciado como resultante de operações de localização que se situam em três níveis diferentes: nocional, sintáctico e enunciativo (...)”, como sugere Campos, 1998, p. 60).

Seguindo essa perspetiva, a determinação é uma operação que, ao incidir sobre grupos nominais, permite delimitar o valor dos diferentes determinantes, como marcadores de extração, identificação qualitativa ou de percurso, estando, por isso, diretamente implicada na construção da referência nominal. Por outro lado, se a operação de determinação incide sobre toda a predicação, define classes aspetuais diferenciadas. Apreciemos a Figura 1 a seguir, que indica uma rede de possíveis operações (abstratas), mediante construções disponíveis em cada língua.



**Figura 1:** Rede de interdependências na construção de referência temporal/aspetual

Em termos gerais, e de forma a sintetizar o que atrás se afirmou, apresentamos no esquema acima as relações de (inter) dependência que permitem construir uma determinada situação a que se associa um determinado valor aspetual.<sup>5</sup>

## 2. A construção da referência nominal

Para podermos dar conta do que atrás se afirmou, começaremos por analisar, em dois excertos dos textos empíricos que suportam este trabalho, a forma como é construída a referência nominal. As marcas linguísticas sublinhadas (a negrito) mostram que, em ambos os excertos, a predominância das ocorrências nominais é, formalmente, definida.

Texto 1 - *A esquerda e a direita continuam em 1988*

*A UE foi desde o **princípio** uma ideia utópica, que só podia levar à catástrofe. (...) O cidadão da **Europa**, que tinha um Parlamento para disfarçar, não pesava na **política** que a **França** e a **Alemanha** decidiam a favor do seu interesse nacional e dos seus protegidos. [A UE] Nascida durante a “guerra fria”, tinha por força de ser democrática na forma e na retórica. Mas [a UE] nunca deixou de estar sob o domínio do poder dos grandes países que a tutelavam e da burocracia de Bruxelas que os serviam (...).*

<sup>5</sup> No quadro teórico que adotamos (TFE), a significação não é dada à partida, resultando do agenciamento de operações (abstratas), marcadas nos enunciados por formas e construções disponíveis em cada língua.

Texto 2 - *Realidades paralelas*

*O governo celebrou esta semana a decisão do Tribunal Constitucional de deixar passar a lei das 40 horas na função pública. (...) O Executivo pôde, assim, ir para a discussão do Orçamento de Estado com um trunfo na manga. Mas há sempre um senão, e desta vez foi a CGTP a tirar coelhos da cartola (...).*

No entanto, se é verdade que todas as expressões nominais especificadas por um determinante definido retomam, em sentido lato, informação previamente construída – argumento forte para que se possa defender que as expressões definidas são elas próprias marcadoras de pré-construído – o que distingue este conjunto expressões nominais definidas do texto (1) e expressões nominais definidas do texto (2) é o tipo de ancoragem espaço-temporal que ambos os textos evidenciam. Assim, no texto (1), o coenunciador (leitor) reconstrói a referência a partir de um localizador autónomo – 1988, incluído no título do artigo (versão *online*): ‘a esquerda e a direita continuam em 1988’, título que é construído a partir da última frase do texto. O localizador 1988 serve, assim, como ponto de partida de um dado estado de coisas que teve, na sua génese, as raízes do estado de coisas atualmente verificadas num dado domínio espaço-temporal. O enunciador (autor do artigo) assume, desse modo, que existe um conhecimento partilhado sobre o mundo, não sendo esse conhecimento passível de ser construído porque pressupõe uma generalização desse conhecimento, que abarca o universo de todos (os possíveis) coenunciadores. Exemplos como *a UE, a Alemanha, a França* refletem esse pressuposto.

De forma inversa, o texto (2) assenta numa localização déítica – *esta semana* – (des)construída a partir da necessária localização em relação à data em que o jornal foi publicado. A (re)construção da referência de todas as expressões nominais definidas – *o governo, a decisão do Tribunal Constitucional, ...* – obriga a um pré-conhecimento dos factos construídos, necessariamente localizados num intervalo de tempo com fronteiras delimitadas. Assim, em termos de interpretação dos dois conjuntos de expressões referenciais, sendo ambas formalmente definidas, e ambas assentado em processos de ‘retoma’ de informação previamente construída, diferem entre si precisamente pelo tipo de conhecimento (pré-conhecimento) em que assentam enquanto conhecimento partilhado.

Por esta razão, poderemos afirmar que os valores dos determinantes (nesses casos, artigos definidos) desencadeiam valores, sobretudo, identificacionais, mas com um escopo diferente:

- no primeiro texto ativam um conhecimento partilhado (natureza gnômica);
- no segundo texto ativam um conhecimento ancorado a um espaço-tempo delimitado.

Por outras palavras, sob o ponto de vista da referência nominal, a similitude (formal) das diferentes expressões referenciais é apenas aparente, implicando, nos dois textos, uma interpretação diferente: no primeiro caso, a referência construída é validável por qualquer falante, teoricamente em qualquer intervalo de tempo. No no segundo caso, a validação do estado de coisas construído é (só) possível se se detiver uma localização estrita da referência temporal que está associada à construção das diferentes situações. Por isso, existe, neste caso, uma relevância do domínio da deixis, suportada por expressões definidas como ‘esta semana’, só interpretável através da data (30 de novembro de 2013) de publicação do artigo em causa.

### **3. A construção da referência temporal**

É sobejamente sabido que os tempos gramaticais disponíveis nas línguas são os marcadores privilegiados das categorias tempo, aspeto e modalidade. A necessária inter-relação destas categorias no âmbito dos estudos da semântica é, também, uma questão que parece ser consensual. Numa perspetiva mais precisa, assume-se, de acordo com propostas defendidas por Pereira (2009), que a delimitação de uma dada situação pode incidir sobre o domínio dos instantes (incidindo sobre o domínio temporal), definindo uma classe dos instantes *t*, ou incidir sobre o domínio nocional, associado à relação predicativa, definindo, nesse caso, classes de ocorrências do processo.

Deve-se, aqui, ressaltar que o conceito de domínio nocional é um dos conceitos centrais na perspetiva da TFE (cf. CULIOLI, 1999), tendo surgido como uma forma de dar conta de problemas de determinação subestimados pelas abordagens lógicas. A construção de um domínio nocional, entendida como uma operação de categorização que integra a deformabilidade como uma propriedade fundamental da categorização linguística, foi sendo ampliada.<sup>6</sup>

Nos dois textos em análise, pode-se observar a ocorrência de formas verbais, temporalmente semelhantes, tal como podemos verificar nos excertos abaixo:

---

<sup>6</sup> Nas palavras de Culioli ([1978] 1990: 68-9): “The concept of notional domain was first introduced to tackle purely linguistic problems, gradually extending the concept from lexical notions to grammatical categorization, then, in a final stage, to propositional content (or, to be more accurate, to what I term *lexis*)”.

Texto 1 - *A esquerda e a direita continuam em 1988*

A UE **foi** desde o princípio uma ideia utópica, que só **podia levar** à catástrofe. (...) O cidadão da Europa, que **tinha** um Parlamento para disfarçar, não **pesava** na política que a França e a Alemanha **decidiam** a favor do seu interesse nacional e dos seus protegidos. **Nascida** durante a “guerra fria”, **tinha** por força **de ser** democrática na forma e na retórica. Mas nunca **deixou de estar** sob o domínio do poder dos grandes países que a **tutelavam** e da burocracia de Bruxelas que os **serviam** (...).

Texto 2- *Realidades paralelas*

O governo **celebrou** esta semana a decisão do Tribunal Constitucional de deixar passar a lei das 40 horas na função pública. (...) O Executivo **pôde**, assim, **ir** para a discussão do Orçamento de Estado com um trunfo na manga. Mas **há** sempre um senão, e desta vez, **foi** a CGTP a tirar coelhos da cartola (...).

No texto (1), a ocorrência do verbo estativo, *ser*, com o Pretérito Perfeito Simples (doravante, PPS), na abertura do texto - *A UE foi desde o princípio uma ideia utópica (...)* -, opera uma predicção de propriedade sobre o sujeito, tomando como localizador temporal a data 1988, que ocorre no título do texto. O facto de se recorrer a um localizador temporal autónomo - 1988 -, cujo valor referencial não depende de uma ancoragem relativamente ao *aqui/agora* da situação de enunciação (i.e., Sit<sub>0</sub>), vai determinar toda a sequência de localizações temporais/aspetauais ao longo do texto.

Assim, é relativamente a essa primeira ocorrência localizadora que se constroem o valor de modalidade deontica veiculado pelo Imperfeito do Indicativo do verbo *poder* - *...só podia levar à catástrofe...* – e os valores referenciais da sequência de verbos no Imperfeito, que o seguem: *...tinha...pesava....decidiam...* Nessas construções, a ocorrência do Imperfeito constrói um valor temporal de anterioridade em rotura relativamente a T<sub>0</sub>, a coordenada temporal da situação de enunciação origem (Sit<sub>0</sub>).

O segundo parágrafo do Texto 1, mimetiza sensivelmente as operações de construção de significação acima descritas: há uma primeira localização temporal operada pelo particípio absoluto que, associado à expressão definida *a guerra fria*, constitui um localizador temporal autónomo - *Nascida durante a “guerra fria”* -, seguindo-se a perífrase *ter de* no Imperfeito do Indicativo com valor modal deontico - *tinha por força de ser democrática (...)* e, depois, a ocorrência do PPS e do Imperfeito com os valores atrás descritos. A descrição das formas –



e.g., tempos gramaticais – e das construções (cf. Figura 1) permite destacar, no Texto 1, a construção de situações em rotura com Sit<sub>0</sub> e, por isso mesmo, a validação de um ‘discurso’ assumidamente dissociado das coordenadas da situação de enunciação, sujeitando-se apenas à sua coerência interna.

No texto (2), apesar de se iniciar igualmente com o PPS - *O governo celebrou esta semana a decisão* (...) – são construídos valores referenciais claramente distintos. Neste caso, o verbo *celebrar* é seguido pelo objeto delimitado *a decisão*, dando lugar à construção de um valor aspetual de processo culminado. O valor temporal de anterioridade construído pelo PPS coocorre com a expressão *esta semana*, que se constitui como localizador temporal ancorado em T<sub>0</sub>, ou seja, toda a referência temporal/aspetual construída no texto é ancorada na situação de enunciação origem (Sit<sub>0</sub>), sendo as ocorrências do PPS seguintes - *...pôde... foi...* - construtoras de uma sequencialidade temporal que tem T<sub>0</sub> como ponto de referência. Esta ancoragem relativamente a T<sub>0</sub> é igualmente marcada pelo valor deítico do demonstrativo *esta* nas expressões *esta semana; desta vez*, como anteriormente se referiu.

Não havendo espaço para uma análise linguística detalhada da totalidade dos dois textos, será, no entanto, pertinente discutir, para além da abertura, o fechamento destes textos jornalísticos, que se apresenta de seguida.

#### Texto 1- *A esquerda e a direita continuam em 1988*

(...) *O contribuinte alemão **usará** as suas poupanças para viver bem, embora modestamente, e para se passear no verão por climas quentes, como de resto inteiramente **merece**. Do que Merkel mais **gosta** na Alemanha são de janelas bem calafetadas. **Chegou agora** a altura de calafetar a Alemanha. **Por aqui**, nem a esquerda, nem a direita **falaram** disso. **Continuam ainda em 1988**.*

#### Texto 2 - *Realidades paralelas*

(...) ***Há** no país cada vez mais realidades paralelas. E não **vale** a pena fingir que algumas delas não **existem**. **Estão** é cada vez mais afastadas, graças ao esmagamento da classe média que **já se tornou** marca desta governação.*

No texto (1), surgem novos tempos gramaticais, que se destacam pelos valores modais construídos: ao Futuro do Indicativo - *...usará as suas poupanças...* -, aparentemente marcador de um valor temporal de posterioridade, associa-se um valor modal epistémico de ‘quase certo’, na medida em que se constrói efetivamente uma projeção no futuro que o

enunciador (autor) valida com valor de forte probabilidade; já ao Presente do Indicativo - *...como de resto bem merece* - é associado um valor de modalidade apreciativa, dando lugar à construção de um ponto de vista do enunciador. A ocorrência do PPS, nas formas *chegou, falaram*, associado a *agora*, no final do texto, faz com que se reoriente a referência para a  $T_0$  (de que é igualmente marcador o deíctico *por aqui*). dando lugar à ocorrência do Presente do Indicativo – *Continuam em 1988*. A retoma do localizador autónomo *1988* – presente no título e no fechamento do texto – associado ao valor habitual do Presente serve a força persuasiva deste texto de opinião.

No texto (2), o Presente, associado ao verbo *haver*, marca a predicação de existência de *realidades paralelas*, seguindo-se o comentário sobre o que foi construído, com recurso a uma sequência de verbos no Presente: *...vale...existem...estão...*. No fecho do texto, a ocorrência do PPS, associado ao marcador aspetual *já*, constrói um valor perfetivo, que se caracteriza pela duração do estado consequente. Esse efeito durativo, associado ao estado de coisas construído, é reforçado pela presença dos nomes *esmagamento*, a que se associa um valor de habitual pela iteração de ocorrências pontuais, e *governança*, a que se associa um valor durativo.

### **Considerações finais: pontos de chegada**

Retomando a descrição dos valores referenciais construídos pela determinação nominal e pela determinação verbal, com maior destaque para os tempos gramaticais, pode-se, em síntese, ressaltar que:

- A ocorrência de expressões definidas aponta, em ambos os textos para um conhecimento pré-construído das diferentes entidades;
- no texto (1), existe predominância de tempos gramaticais que desencadeiam rutura em relação a  $Sit_0$ ;
- no texto (2), a predominância dos tempos gramaticais é ancorada em  $Sit_0$ ;
- em ambos os textos existe rutura entre os sujeitos dos enunciados (3ª pessoa) e o sujeito enunciador ( $S_0$ ).

Os pontos acima destacados permitem que se aponte para, e de acordo com o trabalho até agora desenvolvido, algumas hipóteses de investigação que assentam na interação

necessária entre estudos textuais e estudos gramaticais. A verificação destas hipóteses permitirá construir generalizações passíveis de serem incorporadas em suportes e práticas sociais diferentes (comentário académico, comentário literário., opinião política ...).

É, no entanto, importante sublinhar que a análise das hipóteses apresentadas, de forma a constituírem padrões de generalização em relação às diferenças entre ‘opinião’ e ‘comentário’, necessitam de ser validadas num *corpus* textual de larga escala. Não obstante, a verificação contrastiva das diferenças encontradas nos dois textos, etiquetados como *opinião* e *comentário*, parecem constituir argumentos fortes que ajudam definir as características diferenciais, em termos de configurações textuais e de configurações gramaticais que correspondem a ‘géneros’ diferentes. Neste trabalho propusemo-nos mostrar de que forma essa diferença pode ser suportada pelos mecanismos linguísticos que permitem definir as marcas dos valores de pré-construção nos dois textos. A assunção de uma perspetiva de análise centrada na transcategorialidade – decorrente da interação entre construções de natureza diferente – temporais, aspetuais, referenciais – mostra poder reforçar a hipótese assumida pelo ISD sobre as diferenças entre géneros textuais.

Recebido em: novembro de 2014

Aprovado em: maio de 2015

susanacp@eslx.ipl.pt

claranc@fesh.unl.pt

### Referências bibliográficas

BRONCKART, J.-P. *Activité langagière, textes et discours pour un interactionisme socio-discursif*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1997.

BRONCKART, J.-P. Géneros textuais, tipos de discursos e operações psicolinguísticas. In: *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 11, p. 49-69, 2003.

CAMPOS, M. H. C. *Dever e poder: um subsistema modal do português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, 1998.

CORREIA, C. N. *Estudos de determinação: a operação de quantificação e qualificação em Sintagmas Nominais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2002.

COUTINHO, M. A. *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCG/FCT, 2003.

COUTINHO, M. A. Para uma linguística dos géneros de texto. *Diacrítica*, Bragam vol. 19, n.1, p. 73-88, 2005.

CULIOLI, A. The concept of notional domain. In: Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990 [1978], p. 67-81.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, A. Qu'est-ce qu'un problème en linguistique? Étude de quelques cas. *Cahiers de l'ILSL* vol. 6, p. 7-15, 1995.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Editorial Parábola, 2008.

PEREIRA, S. *A Semântica do objecto*. Aspecto e Determinação Nominal. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PINTO, M. *Escrever para aprender*. Estratégias, textos e práticas. Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro, 2014.

SCHNEUWLY, B., & DOLZ, J. (eds.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2004.

Anexo 1: *Público*, 30 de novembro de 2013 (excerto)



**OPINIÃO**

## A esquerda e a direita continuam em 1988

VASCO PULIDO VALENTE 30/11/2013 - 02:31

**Chegou agora a altura de calafetar a Alemanha. Por aqui, nem a esquerda, nem a direita falaram disso. Continuam ainda em 1988.**

✉ 🔗 🖨️ 💬 4 📌 ✎

Recomendar Partilhar 101 Tweetar 0 g+1 1

**TÓPICOS >**

- Europa
- Alemanha

A UE foi desde o princípio uma ideia utópica, que só podia levar a uma catástrofe. Nascida durante a “guerra fria”, tinha por força de ser democrática, na forma e na retórica. Mas nunca deixou de estar sob o domínio do poder dos grandes países que a tutelavam e da burocracia de Bruxelas que os servia.

Anexo 2: *Público*, 30 de novembro de 2013 (excerto)

## Realidades paralelas



### Comentário Leonete Botelho

O Governo celebrou esta semana a decisão do Tribunal Constitucional de deixar passar a lei das 40 horas na função pública. Uma decisão favorável à convergência do sector público e do privado que de alguma forma serviu de corta-fogo ao envio para o TC da lei da convergência das pensões, a pedido do Presidente da República. O Executivo pôde, assim, ir para a discussão do Orçamento do Estado com um trunfo na manga.

Mas há sempre um senão, e desta vez foi a CGTP a tirar coelhos da cartola e a